

Mesa-Redonda “CORPO, LAZER, PRECONCEITO”

Unicamp – 12/06/2003

1. Pressupostos Teóricos

- Tenho discutido o corpo como construção cultural. Não apenas como um dado biológico, genético, congênito, mas como construção contínua e inacabada de uma cultura.
- O corpo, portanto, expressa uma sociedade, um tempo histórico, uma classe social, um moda etc. Ex. basta olharmos fotografias de outras épocas ou imagens de outros povos para notarmos as diferenças, não biológicas, mas culturais.
- De fato, só tem sentido discutir sobre o corpo na perspectiva das ciências humanas e sociais. A partir das ciências biológicas, o que ocorre são descrições e constatações.

2. Implicações

- O corpo não é somente biológico nem somente cultural. O corpo é ao mesmo tempo e indissociavelmente, NATUREZA E CULTURA. O mesmo patrimônio biológico que torna todos os humanos muito semelhantes, os torna culturalmente muito diferentes.

- Pensar o corpo como um dado de cultura implica negar qualquer determinismo biológico, a não ser dados biológicos muito gerais, como cor de pele, altura, cor de cabelo, potencialidades biológicas etc.
- Pensar o corpo como um dado de cultura implica também negar qualquer determinismo cultural, porque o corpo expressa uma dinâmica cultural, uma contínua construção cultural. O que se vê no corpo, para além dos mecanismos biológicos, é o conjunto de valores, idéias, escolhas, normas sociais, padrões (pela aceitação ou pela transgressão) etc., que vão sendo atualizados, significados, re-significados. Portanto, não há corpo e não há comportamento corporal único, nem certo, nem imutável em si. Há comportamentos corporais que se aproximam mais ou menos daquilo que deles se espera num determinado contexto e num determinado tempo.

3. A Relação Corpo-Preconceito

- Na relação com o corpo, pode ser enfatizada a dimensão biológica, passando-se a considerá-la como capaz de explicar todos os comportamentos. Quem não agir como se espera, é um “desviante” e possui no seu corpo as causas para esse desvio. “Ele não tem culpa de ser assim, pois nasceu assim. Foi a natureza que o fez assim”. O preconceito acaba sendo justificado, com um certa condescendência.

- Na relação com o corpo, pode ser enfatizada a dimensão cultural, tomando-a como algo rígido, estanque, imutável, determinista. Aqui, a culpa por um comportamento desviante será do meio, do contexto, das más companhias. “Foi a cultura que o fez assim”. O preconceito acaba sendo justificado também. Aliás, o preconceito acaba sempre sendo justificado.

4. O que fazer?

- Devemos pautar nossas relações com os seres humanos e com seus comportamentos corporais pela diferença. Devemos assumir não só as diferenças no outro, mas em si mesmo. Isso não é fácil, pois somos seres humanos que vivemos em determinados contextos e com determinados padrões culturais. Lidar com as diferenças em nós mesmos implica sempre lidar com a diversidade de opiniões, de comportamentos, de credos religiosos, de posições políticas etc. Implica sempre lidar com a dúvida.
- Pautar nossas relações pela diferença, não significa tomá-la como desigualdade. Quando se pensa em desigualdade, pensa-se em algo que é menos igual em relação a algo que é tomado como modelo e o desigual é definido pelo que lhe falta e não pelo que é em si.

- Lidar com a diferença pressupõe reconhecer que o preconceito (no sentido de pré-conceito) é inerente ao ser humano e que, em alguma medida, todos somos e seremos sempre preconceituosos. Mas implica também estar atento para não tornar esse pré-conceito motivo de posturas discriminatórias, injustas e excludentes.
- Lidar com a diferença implica não utilizar o preconceito nem como algoz nem como vítima, nem como intolerância nem como condescendência, nem como cerceamento nem como concessão, nem como medo nem como generosidade porque uma relação de diferentes pressupõe que os seres humanos são iguais justamente pela expressão de suas diferenças.

Jocimar Daolio